

Emergência Radioativa: saiba como o Pará se negou a receber lixo radioativo

Category: GERAL, PARÁ

escrito por Ayumi Yohanna Miyamoto | 24 de março de 2026



O desastre de Goiânia aconteceu em setembro de 1987, quando catadores abriram um aparelho de radioterapia abandonado em busca de chumbo.

A produção “Emergência Radioativa” da Netflix trouxe de volta à tona um episódio pouco conhecido da tragédia de Goiânia com o césio-137 que poderia ter mudado a história de outro estado: o Pará.

À época, Governo Federal quase enviou 6 mil toneladas de material contaminado para uma base militar no sul paraense. De início, o governo José Sarney autorizou a remoção emergencial dos rejeitos logo após o desastre em Goiânia. Como opção de destino, as autoridades federais escolheram a Serra do Cachimbo, no município de Novo Progresso.

A região abriga atualmente o Campo de Provas Brigadeiro Velloso, mas era uma base da Aeronáutica com infraestrutura para armazenamento.

Além disso, o local possuía um poço de aproximadamente 320 metros de profundidade que seria adequado para receber o material. A possibilidade de receber o lixo atômico provocou reação imediata no Estado.

O governador Hélio Gueiros divulgou uma carta aberta com mensagem direta: “O Pará não é lata de lixo do Brasil”. Simultaneamente, a Assembleia Legislativa aprovou uma lei que proibiu o armazenamento de substâncias radioativas em território paraense.

Dessa forma, a pressão política e social impediu que cerca de 6 mil toneladas fossem transferidas para a região.

Por sinal, uma das cenas mais icônicas historicamente mostrada na série da Netflix mostra lideranças indígenas em protesto na capital federal contra a decisão. Essas manifestações contribuíram para fortalecer a mobilização popular.

Base integrava programa nuclear sigiloso

A área fazia parte do Programa Nuclear Paralelo, iniciado durante governos militares. O projeto tinha caráter secreto e buscava desenvolver tecnologia atômica nacional.

Entretanto, em 1986, a Folha de São Paulo revelou a existência de cisternas de cimento na Serra do Cachimbo. A reportagem irritou o presidente Sarney, que mantinha o programa em sigilo.

Os estudos geológicos começaram em 1981 por solicitação do Centro Técnico Aeroespacial. As análises apontaram que a região seria segura para testes nucleares.

Ademais, o local poderia receber resíduos não apenas do acidente de Goiânia, mas também do complexo nuclear brasileiro situado em Angra dos Reis, .

Acordo com Alemanha motivou instalações

O tratado assinado em 1975 pelo presidente Ernesto Geisel previa a construção de oito reatores nucleares no Brasil. O acordo permitiria transferência de tecnologia alemã para o país.

Porém, os Estados Unidos interferiram e bloquearam o compartilhamento de métodos de enriquecimento de urânio. Como resultado, o Brasil precisou desenvolver um sistema próprio.

Dos oito reatores previstos, apenas dois foram concluídos até hoje em Angra dos Reis. Um terceiro permanece com obras paradas. A previsão inicial era concluir as adaptações na Serra do Cachimbo até 1991.

Contudo, a revelação jornalística atrapalhou os planos de pesquisa sobre bombas nacionais.

Collor encerrou projeto de forma simbólica

O presidente Fernando Collor foi pessoalmente à Serra do Cachimbo para inspecionar o fechamento da base. A visita teve forte caráter simbólico.

Membros da Força Aérea Brasileira convidaram o presidente para jogar uma pá de cal sobre os poços. Esse gesto representou o fim definitivo do programa nuclear paralelo. Desde então, todos os buracos de explosão subterrânea foram vedados.

Maior acidente radiológico fora de usina

O desastre de Goiânia aconteceu em setembro de 1987, quando catadores abriram um aparelho de radioterapia abandonado em busca de chumbo. Eles não sabiam que o equipamento continha material radioativo.

Assim, o Césio-137 foi espalhado entre diversos moradores da região. O episódio é considerado o maior acidente radiológico do mundo fora de uma usina nuclear. Por isso, mobilizou autoridades de saúde e especialistas de todo o país para conter a contaminação.

[Para saber mais clique aqui](#)

Fonte: DóI e Publicado Por: Jornal Folha do Progresso
24/03/2026/10:27:57

O formato de distribuição de notícias do [Jornal Folha do Progresso](#) pelo celular mudou. A partir de agora, as notícias chegarão diretamente pelo formato Comunidades, ou pelo canal uma das inovações lançadas pelo WhatsApp. Não é preciso ser assinante para receber o serviço. Assim, o internauta pode ter, na palma da mão, matérias verificadas e com credibilidade. Para passar a [receber as notícias](#) do Jornal Folha do Progresso, clique nos links abaixo siga nossas redes sociais:

- [Clique aqui e nos siga no X](#)
- [Clica aqui e siga nosso Instagram](#)
- [Clique aqui e siga nossa página no Facebook](#)
- [Clique aqui e acesse o nosso canal no WhatsApp](#)
- [Clique aqui e acesse a comunidade do Jornal Folha do Progresso](#)

Apenas os administradores do grupo poderão mandar mensagens e saber quem são os integrantes da comunidade. Dessa forma, evitamos qualquer tipo de interação indevida. Sugestão de pauta enviar no e-mail: folhadoprogresso.jornal@gmail.com.

Envie vídeos, fotos e sugestões de pauta para a redação do JFP (JORNAL FOLHA DO PROGRESSO) Telefones: WhatsApp [\(93\) 98404 6835](#)– (93) 98117 7649.

“Informação publicada é informação pública. Porém, para chegar até você, um grupo de pessoas trabalhou para isso. Seja ético. Copiou? Informe a fonte.”

**Publicado por Jornal Folha do Progresso, Fone para contato 93 981177649 (Tim) WhatsApp: [-93- 984046835](#) (Claro)
- Site: www.folhadoprogresso.com.br e -**

mail: folhadoprogresso.jornal@gmail.com/ou e-mail:
adeciopiran.blog@gmail.com

[O papel da publicidade online no crescimento dos negócios digitais](#)